

Ivan Serpa

1973

O itinerário de uma inquietação criadora

Texto de Vera Pacheco Jordão

O DESAPARECIMENTO de Ivan Serpa deixa um grande vazio, não só no terreno da pintura mas no das relações humanas. Por sua própria natureza, o artista costuma ser um egocêntrico, concentrado em sua realização pessoal através da arte, façanha tão difícil que o absorve totalmente. Isso não acontecia com Ivan. Em sua rica personalidade sobravam energias e, sobretudo, amor, para dar aqueles que buscavam os caminhos da arte.

Durante anos a fio, ele manteve, no Museu de Arte Moderna do Rio, classes de pintura para crianças. Animava a todas, estimulava as inclinações de cada uma, sugeria e orientava, sem jamais tentar impor suas preferências pessoais. Mais de uma vez, tive oportunidade de surpreendê-lo nessa atividade: sua fisionomia era alegre, como que iluminada pelo reflexo do trabalho criador que à sua volta, ele provocava.

É Ivan tinha disponibilidade não só para atender às crianças, mas aos adultos que a ele recorressem. Uma das vocações naturais à qual ele forneceu a necessária base de técnica profissional foi a de Grauben que, aos 70 anos, ganhou uma caixa de pintura e não sabia, sequer, misturar as tintas.

Da iniciação da pintura, efetuada, em duas ou três aulas, por Ivan, desabrochou a riqueza poética da sua obra e uma amizade tão confiante que levava Grauben a solicitar o julgamento do artista sobre qualquer dúvida que lhe surgisse, quanto a algum de seus trabalhos.

Grouben faleceu em março do ano passado. A primeira e maior das muitas coroas de flores que surgiram para homenageá-la trazia uma palavra sentida de Ivan Serpa. Mal poderia ele imaginar que, em pouco mais de um ano, chegaria a sua vez. A morte veio como um ladrão, roubá-lo ao trabalho que era o objetivo de sua vida.

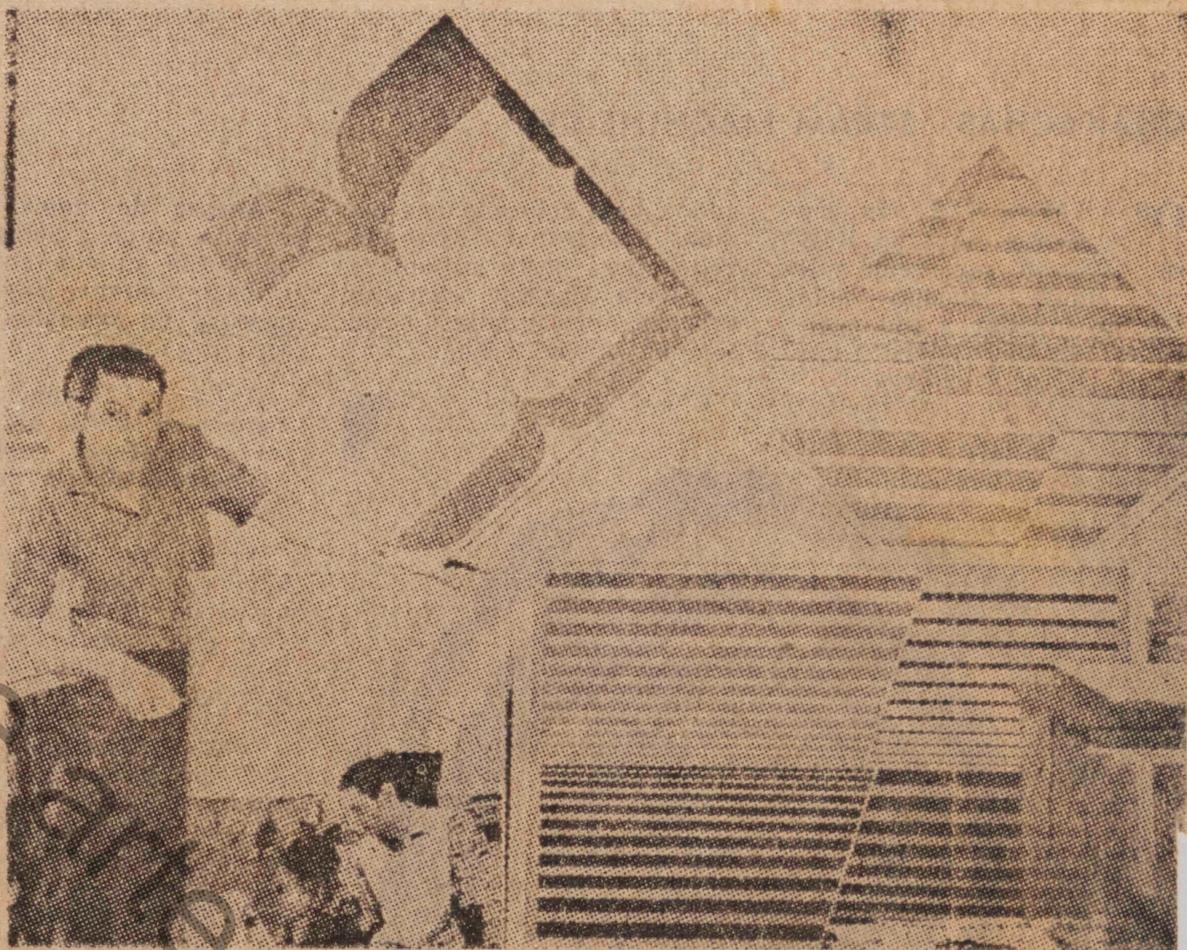
Desse trabalho, o MAM está expondo algumas amostras, que indicam as fases principais da evolução do artista. Inquieto, sempre em busca de novas formas de expressão, temos de início um quadro seu do campo do Suprematismo, criado pelo russo Malevitch: sobre fundo branco (ou gelo) breves linhas e superfícies geométricas soltas, em tons pálidos.

Depois, toda a superfície do quadro é tomada por formas abstratas de contornos nítidos e cores contrastantes, a tinta esmaltada acrescentando o elemento luminoso, sobretudo no preto, assim dinamizado. Já existe, aí, mais fantasia, maior riqueza plástica.

O artista porém, se arrepende: provavelmente por influência de Mário Pedrosa, passa para o Concretismo, que faz da matemática a base da arte. É a fase da divisão geométrica da tela, a gradação de tamanho dos quadrados e retângulos, a espessura das listas, criando uma arte requintada mas fria, puramente cerebral.

Foi então que Ivan, tendo ganho, no Salão de Arte Moderna de 1957, o Prêmio de Viagem, em seus dois anos de Europa entrou em contato direto com as grandes realizações da arte universal, e, sobretudo, viu o mundo, um mundo bem mais amplo que o das panelinhas cariocas.

Encontramos, no MAM, um trabalho de 1962, que poderíamos chamar de Expressionismo Humorístico: aproveitando as capas e o título caligrafado de um livro, por meio do livre em-



Ivan expôs na Bonino quadros em que voltava ao geometrismo

Inquieto,
o
artista
buscava
sempre
novas
formas
de
expressão



prego da tinta — como usavam, então, os "tachistas" — o artista inicia sua libertação, buscando mais o gesto espontâneo que as regras formais, deixando transparecer um senso de humor até então insuspeitado.

A seguir, um grande painel em preto, branco, ocre, representa a fase em que Ivan, trabalhando na Biblioteca Nacional, inspirou-se no rendilhado das páginas de livros que restaurava, quando roídas pelo cupim. São realizações puramente plásticas, que não satisfariam, por muito tempo, a natureza inquietada do artista.

Dentro em breve, Ivan expandiria, em enormes telas, seu tumulto interior: em preto-e-branco — como a "Série Negra", de Goya — traçadas em vigorosas e rápidas pinceladas, fisiono-

mias apenas entrevistas irradiam sua vivência angustiada. É a catarse catarsis do artista.

Termina aí a visão que o MAM nos proporciona do caminho percorrido por Ivan Serpa que, dentro em pouco, despistaria, novamente, seu público, surgindo com límpidas e coloridas construções, geométricas mas sem rigidez, de formas cantadas e líricas harmonias.

Não acompanhei mais adiante evolução que, certamente, ainda trouxe outras revelações. Esperemos que uma retrospectiva à altura da sua riqueza e complexidade seja apresentada pelo Museu de Arte Moderna do Rio, ao qual Ivan Serpa esteve tão intimamente ligado.